



GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos

Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências

Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

Mulheres da atividade pesqueira artesanal em Quissamã / RJ

Autoria: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

?Eu pesco desde cedo. Não tenho outro lado pra falar da minha vida, só esse. Com 13 anos e uma filha de 7 meses, houve a necessidade de visualizar no peixe uma renda. Ele recebia o dinheiro e ia pros forró. Largava eu lá mais os filhos. Chegava no outro dia, ria contando que tinha tomado 2 caixas de cerveja, mas quando a criança pedia uma garrafa d'água, dizia que não tinha dinheiro. Eu disse: um dia eu vou sair dessa vida e vou ser pescadora. Eu vou pescar e ainda vou dar as coisas pros meus filhos. Ficar num lugar que só tem homens de madrugada, tem que ter muita coragem. Não só disposição, mas muita coragem também. E não temer a nada. Eles falavam que eu era mulher muito valente pra enfrentar uma coisa daquelas. Hoje eles discriminam, dizem que a gente não é pescadora mais, pra eles pescador vai todos os dias, levantam de madrugada, como a gente fazia. Só que eles tem que entender que hoje nós somos donas de casa, mãe. Vocês por acaso cuida de casa? Vocês cuida de filho? A gente faz tudo isso e ainda pesca. Eu gosto da minha profissão. Eu sou pescadora. Eu gosto muito. Hoje eu não work pra ninguém mais. A pesca que me trouxe até aqui.? Este relato, apresentado a primeira vez como parte da exposição fotográfica ?Pesca no Litoral Brasileiro? no 18 Congresso Mundial IUAES (2018) apresenta uma história embaralhada a partir de trechos de entrevistas com 8 mulheres da atividade pesqueira de Quissamã / RJ para o projeto ?Mulheres na Pesca?, desenvolvido na UENF entre os anos 2017 e 2019. De uma forma resumida, o relato demonstra o cotidiano comum de mulheres de comunidades pesqueiras no Brasil. A partir dele, apresento como as interlocutoras



investigadas no projeto participam na atividade pesqueira artesanal de Quissamã e suas vivências, marcadas por relações desiguais de poder. Entre negociações diárias com fazendeiros ? que impedem o livre acesso delas à Lagoa ? e pescadores homens, as histórias de vida atreladas à atuação na pesca artesanal são marcadas pelo cuidado, busca por segurança alimentar e pouco reconhecimento legal e social, mas sempre com muito orgulho de serem pescadoras.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: